

O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo: da pesquisa para a sala de aula, uma aproximação

Graziela Jacques PRESTES¹

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar uma releitura da discussão sobre a temporalidade e a modalidade do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (PIS). A análise da temporalidade é baseada na Teoria do Tempo Relativo, e a da modalidade, na distinção tríade entre factualidade, contrafactualidade e eventualidade (NEVES; SOUZA, 1999). Em estudo empírico de um *corpus* de língua escrita, Prestes (2003) encontrou um padrão no emprego do PIS, qual seja: PIS factuais tendem a ocorrer com eventos que expressam tempo passado (A novidade fez com que *ganhasse* corpo a ideia de...), contrafactuals, com eventos presentes (Não *estivéssemos* numa crise de liquidez...) e eventuais ou hipotéticos, com eventos futuros (Talvez os índios *achassem* até graça...). Valendo-se desses resultados, apresentamos e discutimos atividades e tarefas elaboradas e aplicadas em sala de aula de português como língua estrangeira.

Palavras-chave: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo; Temporalidade; Modalidade.

Abstract: The aim of this paper is to present a rereading of the discussion on temporality and modality of the Past Imperfect Subjunctive (PIS) form. The temporality analysis is based on the Relative Time Theory, and on the modality theory, in a three-way distinction between factuality, counterfactuality, and eventuality (Neves and Souza, 1999). In an empirical written language *corpus* study, Prestes (2003) has found a pattern in the use of PIS, as follow: Factual PIS tend to occur along with events which express past tense (A novidade fez com que *ganhasse* corpo a ideia de...), counterfactual ones are used with present events (Não *estivéssemos* numa crise de liquidez...), and eventual or hypothetical ones appear with future events (Talvez os índios *achassem* até graça...). Drawn on these results, we present and discuss activities and tasks developed and used in Portuguese as a foreign language classes.

Keywords: Subjunctive Imperfect Preterit; Temporality; Modality.

Introdução

O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo vem sendo nosso tema de investigação há alguns anos (PRESTES, 2001, 2003 e 2007). Neste trabalho, buscamos uma releitura e uma atualização de Prestes (2007), ou seja, buscamos retomar os achados, expandir suas possíveis aplicações e, quem sabe, apontar para redirecionamentos da pesquisa.

Para tanto, em um primeiro momento, sintetizamos o conteúdo de nossa dissertação de Mestrado², que está fundado em dois pilares teóricos: a temporalidade reichenbachiana e a modalidade da filosofia

¹ Mestre em Língua Aplicada pela PUC/RS, Doutoranda em Teoria e Análise Linguística pela UFRGS, Professora do Curso de Letras da UNISINOS. Porto Alegre - RS. Correio eletrônico: grazielaprestes@uol.com.br

² Dissertação defendida em 2003, na PUC/RS, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Menuzzi, com apoio da CAPES e CNPq.

clássica; discutimos e resignificamos os resultados, oriundos de *corpus* de língua escrita; apresentamos atividades e tarefas elaboradas e já aplicadas em sala de aula; e, finalmente, apontamos caminhos futuros.

O tratamento reichenbachiano do tempo verbal

Os postulados propostos por Reichenbach (1947) parecem resistir aos mais de cinquenta anos de interpretações, críticas e reformulações, visto que vários estudiosos, como Corôa (2005 e 1983), Silva (2002), Ilari (1997), Coan (1997) e García Fernandez (1999), utilizam-nos como suporte teórico para seus respectivos trabalhos.

Na instância das propriedades lógicas das línguas naturais, o construto reichenbachiano reflete uma visão unidimensional e unidirecional do tempo, que pode ser descrito por dois tipos de notações: as barras paralelas ou a seta da linha do tempo. Para Reichenbach, os tempos verbais, de qualquer língua, estão organizados a partir de três pontos na linha do tempo: o momento da fala, o momento do evento e o momento da referência.

O momento da fala (F) é definido como o momento da realização da fala, o momento em que se faz a enunciação sobre o evento³, isto é, o tempo em que acontece o ato de enunciar. O momento do evento (E) é, aparentemente, de fácil compreensão, refere-se ao tempo da predicação, ao momento em que o evento descrito acontece. Já o momento da referência (R), que mereceu discussões *a posteriori*, como em Declerck (1986) e em Coan (1997), aqui não debatidas simplesmente por uma questão operacional, é o ponto na linha tempo relacionado imediatamente ao momento do evento.

Neste artigo, assumimos que o momento da referência é o ponto na linha do tempo relacionado imediatamente ao momento do evento. Trata-se de um ponto de ancoragem para a marcação do evento, é uma entidade abstrata que ajuda a explicar conceitos como "passado anterior", que pode ser reconhecido em português, por exemplo, no pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, como se pode verificar em "João já tinha saído quando Maria chegou". Nesse enunciado, ambos os eventos ocorrem no passado, sendo que "João tinha saído" (E1) é anterior a "Maria chegou" (E2), ou seja, na sucessão

³ Entende-se "evento", neste trabalho, como qualquer manifestação transmitida por um tempo verbal, seja uma ação, um estado, um processo, etc. Também utilizaremos o termo "evento" com o significado de "momento do evento".

dos eventos, primeiro ocorre E1, depois E2. A posição do E1 mais à esquerda em relação ao E2, nas barras paralelas a seguir, representa essa anterioridade. Já a posição das R exatamente uma embaixo da outra sinaliza o compartilhamento do mesmo momento de referência. Veja notação abaixo:

$$\begin{array}{c} \text{E2,R} \text{ _____ } \text{F} \\ \text{E1} \text{ _____ } \text{R} \text{ _____ } \text{F} \end{array}$$

A primeira barra descreve a temporalidade do pretérito perfeito do indicativo, em que o evento (E2) está em relação de simultaneidade com a referência (R), enquanto a segunda barra descreve a temporalidade do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, em que o evento (E1) está em relação de anterioridade ao E2, portanto, também à sua R. Por fim, o alinhamento dos momentos de fala nas barras paralelas significa que ambas as orações pertencem a um mesmo "aqui" e "agora", a um mesmo enunciado.

Sob o ponto de vista reichenbachiano, é o momento da referência, e não o momento do evento, que determina um tempo verbal como "passado", "presente" e "futuro", isto é, nos tempos verbais do tipo "passado", por exemplo, todas as estruturas contêm necessariamente o momento da referência em relação de anterioridade ao momento da fala. Já nos do tipo "presente", R é concomitante à F e, nos do tipo "futuro", R é posterior à F.

Por sua vez, conforme Reichenbach (1947), o momento do evento estabelece relação com o momento da referência, implicando a subclassificação "anterior", "simples" e "posterior". Assim, multiplicando cada um dos três tipos "passado", "presente" e "futuro" por cada uma das subclassificações, Reichenbach chegou a um total de nove formas fundamentais para os tempos verbais.

Com base, sobretudo, nessas nove notações e na extensão proposta por Hornstein (1977, 1981, 1993), quanto à compreensão do momento da referência e dos adjuntos adverbiais, chegamos a um quadro sobre as estruturas temporais do pretérito imperfeito do subjuntivo (PIS), apresentado a seguir.

Quadro 1 - Estruturas Temporais do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

passado anterior E__R__F	(13)"O mais revoltante é que, se eu <u>soubesse</u> que o transporte aéreo seria tão precário, <u>teria preferido</u> pegar um ônibus em Fortaleza." ¹ (Revista Viagem & Turismo, Dez/00. <i>Pagou pelo avião, mas chegou de caminhão</i>) O E "soubesse" tem de acontecer antes do E "teria preferido", que serve, aqui, como R.
passado simples E,R__F	(15)"Embora eu <u>fosse</u> fluente em francês e não me <u>sentisse</u> intimidado, os melhores momentos de nosso convívio <u>ocorriam</u> nos bistrôs..." (Folha de São Paulo, 27.01.02. <i>Uma revolução simbólica</i> , Sérgio Miceli) Todos os eventos estão ancorados na mesma R no passado, "os momentos de nosso convívio que ocorriam nos bistrôs".
passado posterior R__E__F	(18)"Eu já estava achando esse rosto feio, então <u>rezei</u> muito para que <u>mudasse</u> , e agora consegui esse presente', disse." A R está no fato de rezar, que é anterior a "mudar". (Folha de São Paulo, 26.4.02. <i>Pajé faz plástica para rejuvenescer</i> , Sabrina Petry)
R__F,E	(128)"Se o ex-ministro José Serra <u>estivesse</u> bem nas pesquisas, (...), o efeito Ricardo Sérgio <u>seria</u> menos danoso para sua candidatura." (Zero Hora, 06.5.02. <i>Sombras</i> , Rosane de Oliveira) A R está ancorada no fato de a notícia já ter sido dada, o efeito Ricardo Sérgio foi e ainda é, no presente, danoso à candidatura de Serra; portanto, o E "estivesse bem" está associado à F.
R__F__E	(90) "Ou seja, melhor mesmo <u>era</u> que os BC (Bancos Centrais) <u>fossem</u> substituídos por robôs fabricados em Chicago..." (Veja, 10.4.02. <i>Regras e mandatos</i> , Gustavo Franco) Neste caso, "era" está em alternância com o futuro do pretérito, cuja estrutura é R__F,E. A R no passado explica que, desde um ponto anterior à F, os BC existem. O evento no agora enunciativo atualiza que os BC existem ainda hoje, que não foram substituídos por robôs. Em barras paralelas, temos: R__F,E R__F__E sendo a primeira representativa de "era" e a segunda, de "fosse".
futuro simples F__R,E	(97)"Talvez os índios <u>achassem</u> até graça se extraterrestres <u>viessem</u> à Terra como amigos, <u>dessem</u> nos brinquedos de teletransporte (como demos espelhos) e <u>acabassem</u> nos tomando o poder e nos expulsando." (Zero Hora, 04.12.99. <i>Extraterrestres</i> , Roberto Corrêa da Silva, seção Palavra do Leitor.) A R de "viessem" projetada no futuro, na chegada dos ETs à Terra, é válida para os demais eventos: "achassem", "dessem" e "acabassem", o que implica reconhecer que todos, em um intervalo "x" de tempo no

¹ Exemplos extraídos do *corpus* da dissertação. Os dados foram coletados de revistas como *Veja*, *Superinteressante*, *Viagem & Turismo*, *Elle* e *Show Biss*, e de jornais como *Folha de São Paulo*, *Zero Hora*, *Correio do Povo* e *O Sul* durante os anos de 1999 a 2002. [A numeração dos dados desse quadro respeita a numeração dos dados da dissertação.](#)

Constatamos que o imperfeito do subjuntivo apresenta todas as descrições dos três tipos de passado — passado anterior (E__R__F), passado simples (E,R__F) e passado posterior (R__E__F, R__F,E e R__F__E) —, bem como as descrições de futuro simples (F__R,E) e de futuro posterior (F__R__E).

Duas observações, de naturezas distintas, podem ser feitas nesse momento. A primeira é que cabe lembrar, intuitivamente, que o PIS é um tempo verbal complexo (na próxima seção, discorreremos sobre essa constatação); a segunda é que convém lembrar, academicamente, que outros tempos verbais também podem apresentar mais de uma notação temporal, como é o caso do presente do indicativo. Conforme a acurada análise de Corôa (2005, p.43), esse tempo verbal pode expressar presente (“*Estudo* linguística”) ou passado (“Eu *entro*, e que *vejo*? João beijando Maria.”), e, conforme Silva (2002, p.138), pode ainda expressar futuro (“*eh*: vou ver se eu játenho trocado, eu já *te levo*”).

Algumas análises (ou outras inserções) sobre o Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Na dissertação, trouxemos Zilles & Pereira (1998), em pesquisa sobre o desenvolvimento discursivo de narrativas orais por crianças de 4 a 9 anos de idade, com o intuito de sustentar e ilustrar o argumento “o PIS é um tempo verbal complexo”.

Seguindo os preceitos teóricos de Hopper (1979), Labov (1972) e Bardovi-Harlig (1995), quanto à narrativa ser constituída em dois planos, o *foreground* (FG, informações que servem de suporte aos eventos principais) e o *background* (BG, informações que servem de suporte aos eventos principais), as autoras dedicam-se a analisar em que faixas etárias as crianças se concentram no desenvolvimento do FG e do BG e quais tempos verbais integram cada um dos dois planos. Quanto ao PIS, verificaram que seu emprego aparece somente a partir dos 9 anos de idade, corroborando a afirmação de Karmiloff-Smith (1981 e 1986), segundo a qual estruturas complexas são adquiridas mais tarde.

Levando em consideração a teoria reichenbachiana, a expectativa criada em torno dessa afirmação era que o PIS poderia apresentar um

comportamento temporal multifacetado, ou seja, que ele conteria não uma, mas sim uma variedade das estruturas temporais descritas por Reichenbach, o que pôde ser verificado em nossa pesquisa.

Simplemente por questões operacionais, não apresentaremos todas as análises contidas na dissertação (TRAVAGLIA, 1981; COSTA, 1997; RAMALHETE, 1989 e 1992; TAPAZDI & SALVI, 1998; e Givón, 1993); somente apresentaremos as estritamente imprescindíveis à seleção e à geração dos dados do nosso *corpus*. Trata-se das análises de Neves & Souza (1999), Neves (2000) e Corral (1996), as quais veremos a seguir.

O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo em orações condicionais

Apesar de a classificação sobre as orações condicionais de Givón (1993) ser bastante difundida e gozar de prestígio na comunidade acadêmica, preferimos a classificação de Neves & Souza (1999) e de Neves (2000) por dois motivos: a) sua classificação parece ser aplicável a outros tipos de orações que não somente as condicionais, o que nos possibilitaria uma visão mais abrangente sobre o funcionamento do PIS em português; b) sob nosso ponto de vista, ao contrário da classificação *realis/irrealis* de Givón, a de Neves baseia-se não na noção de temporalidade — se uma sentença expressa futuridade ou não, por exemplo —, mas no caráter proposicional (semântico) das orações, naquilo que representam retoricamente: uma asserção, uma hipótese contrafactual ou uma hipótese eventual.

Neves & Souza (1999, p.511), a fim de propor uma tipologia das construções condicionais, reportam-se à seguinte concepção lógico-semântica:

- a) dada a realização/a verdade de **p**⁴, segue-se, necessariamente, a realização/ a verdade de **q** (*real*);
- b) dada a não realização/ a falsidade de **p**, segue-se, necessariamente, a não-realização/ a falsidade de **q** (*contrafactual*);
- c) dada a potencialidade de **p**, segue-se a eventualidade de **q** (*eventual*).

Dessa classificação, elaboram a tipologia das construções

⁴ A entidade “p” significa a condição, a prótase, e a entidade “q” significa a consequência, a apódose.

condicionais respectivamente: condicionais factuais/reais⁵, condicionais contrafactuais e condicionais eventuais.

Desse modo, as condicionais factuais são compostas pelos tempos verbais do modo indicativo, como ilustram os seguintes exemplos:

a) presente/ presente:

"se há presença de uma coloração ... mais forte, mais intensa que a da pessoa ... e:: ... essa aréola ... possui ... uma séria de:: tubérculos ... então o tubérculo é nomeado de ()" (ibid, p. 512);

b) pretérito perfeito/ presente:

"se ela foi criada para um FIM ... OUTro ... que NÃO ... a contemplação estética ... ela é pragmática" (ibid, p. 514);

c) pretérito perfeito/ pretérito perfeito:

"Se ... realmente a guerra foi perdida pelos países do eixo, é que as condições ... sociológicas, econômicas e políticas etc etc fizeram com que fosse perdida a guerra" (ibid, p. 519);

Em geral, os gramáticos (Cegalla, 2008; Cunha e Cintra, 2007; Bechara, 1999) afirmam que o modo indicativo expressa certeza, fatos verossímeis e que o modo subjuntivo expressa irrealidade, incerteza, eventualidade. Os exemplos anteriores confirmam parte dessa assertiva, porém o estudo de Corral (1996), por exemplo, como veremos adiante, apresenta o modo subjuntivo da língua espanhola expressando factualidade, o que consideramos, em 2003, um achado para compreender certos fenômenos na língua portuguesa.

Quanto às condicionais do tipo contrafactuais, Neves (2000, p. 850) afirma que:

As construções condicionais contrafactuais têm o verbo da subordinada no modo subjuntivo, e numa forma passada (pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito). Assim, só há contrafactual no passado, já que também o verbo da oração principal é sempre passado, aí incluído o futuro do pretérito composto. Observe-se que a eventual ocorrência

⁵ Neves & Souza (1999, p. 498) afirmam que real e factual constituem diferentes níveis do enunciado, enquanto este é relacionado à proposição (à expressão de um fato possível), aquele é relacionado à predicção (à expressão de um estado de coisas). Segundo as autoras: "É óbvio que o uso linguístico real das construções condicionais não reflete pura e simplesmente a condicionalidade defendida numa implicação lógica se... então, isto é, não exige uma relação condicional de valores de verdade e isso tem sido frequentemente ressaltado pelos estudiosos (HAIMAN, 1978 e 1986; COMRIE, 1986)".

de um verbo no presente do indicativo na oração condicional, como em *Se eu não chego a tempo, o senhor bebia todo o rio Paraíba, não invalida essa afirmação, já que apenas a forma é de presente, mas o valor é de passado (= se eu não tivesse chegado)* (NEVES, 2000, p. 850).

De acordo com este significado de contrafactualidade, os dados de Neves & Souza (1999, p.525) revelaram que as construções contrafactuais só ocorreram com o imperfeito do subjuntivo na prótase. No entanto, Neves (2000, p. 850) constata também, nesse mesmo contexto, o emprego do mais-que-perfeito do subjuntivo, como em "*Se tivesse aparecido algum tatu por aqui, estas formigas já estavam sem casa*".

Com respeito às construções condicionais eventuais, Neves & Souza as definiram como aquelas cuja prótase repousa sobre a eventualidade; o enunciado da apódose é tido como certo, desde que eventualmente seja satisfeita a condição enunciada. Observe o exemplo: "*E eu acho que o dinheiro todo que eu pudesse, se eu ganhasse assim na loteria e tal eu jogaria em mercado de capitais...*" (NEVES & SOUZA, 1999, p. 533).

Sintetizados os estudos sobre o PIS contrafactual e eventual, na próxima seção, apresentaremos o estudo de Corral (1996) sobre o *Subjuntivo Concessivo Polêmico*.

O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo em orações concessivas

A próxima análise a ser apresentada aborda o modo subjuntivo da língua espanhola, especificamente o que foi denominado de Subjuntivo Concessivo Polêmico. Embora se concentre no presente desse modo, Corral (1996) afirma que tal conceito pode ser estendido a outros tempos verbais, inclusive ao PIS. Julgamos importante a inclusão de sua análise na dissertação porque percebemos existir uma relação direta entre ela e a modalidade factual discutida em Neves & Souza (1999) e Neves (2000).

Ao contrário do que ocorre na língua portuguesa, em que parece haver a preferência pelo uso do modo subjuntivo em orações subordinadas adverbiais concessivas (em instância pública de uso da linguagem⁶), em espanhol, estas orações podem vir expressas no

⁶ Referimo-nos às instâncias pública e privada de uso da linguagem (Britto, 2003, p.35).

subjuntivo ou no indicativo, conforme ilustram os seguintes exemplos:

a) "*Aunque regaba las plantas todos los días, se han secado*", cuja tradução poderia ser: "Ainda que *regasse/ tivesse regado/ *regava* as plantas todos os dias, elas secaram". Castro (1998, p. 149);

b) "*El tiempo no parecía avanzar, aunque los rumores de la ciudad se iban desvaneciendo en la noche somnoliente*", cuja tradução poderia ser: "O tempo não parecia avançar, embora os rumores da cidade *fossem/*iam* se esvaindo na noite ensonada" González (1994, p.149);

c) "*Aunque está/ esté lloviendo, voy a salir.*", cuja tradução poderia ser: "Ainda que **está/ esteja* chovendo, vou sair". Corral (1996, p. 162).

Como tais concessivas expressam eventos "reais", que de fato aconteceram ou acontecem — em (a), as plantas foram regadas, em (b), os rumores diminuíram e, em (c), está chovendo —, os linguistas⁷ afirmam que mais esperado seria o emprego do indicativo; porém, "estranhamente", verifica-se também o emprego do subjuntivo. Ou seja, aquele que é considerado como o modo do irreal, da incerteza, da hipótese, nesses contextos, está realizando uma asserção⁸.

Para onde levam tempo e modalidade?

Apartirdasanálisesapresentadassobreoimperfeitodosubjuntivo, deduzimos que este poderia indicar factualidade, contrafactualidade e eventualidade, no mínimo, em orações condicionais, em concessivas e em substantivas objetivas. Desse modo, os dados foram agrupados sob esta tríade modal e sintática a fim de que pudéssemos definir as relações entre as estruturas temporal e modal do imperfeito do subjuntivo.

As hipóteses se centraram em:

- a) o imperfeito factual poderia apresentar a estrutura de passado anterior (E__R__F), de passado simples (E,R__F) e de passado posterior (R__E__F e R__F,E), visto que,

⁷ Linguistas como Veiga, Guerrero & García, Lavandera e Vallejo, todos citados em Corral (1996).

⁸ Novamente, por questões operacionais, não explanaremos toda a análise de Corral, que distingue, na língua espanhola, subjuntivo polêmico de subjuntivo hipotético; entretanto, deixamos o convite para a leitura integral de nosso estudo (Prestes, 2003).

sendo apreendido como "real", o evento tem de ser conhecido pelo falante;

- b) se Givón afirma que tem de haver a característica de passado perfectivo ou simplesmente de passado, e o mesmo afirmam Neves & Souza e Tapazdi & Salvi, e se a teoria reichenbachiana reconhece cinco estruturas temporais de passado, sendo uma somente perfectiva (a de passado anterior); então, previmos que, de novo, apenas estariam integradas à contrafactualidade aquelas estruturas cujos eventos E são anteriores ou simultâneos à fala F: E__R__F; E,R__F; R__E__F e R__F,E;
- c) considerando que uma hipótese irreal pode se referir a um evento no passado, no presente ou no futuro, inferimos que qualquer uma das descrições de passado poderia integrar o grupo das eventuais. Com respeito ao presente, inferimos a ocorrência da estrutura R__F,E, e, quanto ao futuro, inferimos tanto a estrutura de passado posterior R__F__E quanto as estruturas de futuro simples F__R,E e de futuro posterior F__R__E.

O cruzamento dos valores temporais com os valores modais

Os dados foram divididos em três grandes grupos: o do PIS factual, o do contrafactual e o do eventual. Optamos por esta divisão porque, ao que nos parece, ela permite que ampliemos nosso horizonte sobre o funcionamento do modo subjuntivo como um todo; e, em particular, ela evita que repitamos que o subjuntivo é simplesmente o modo do irreal, da incerteza, do improvável, etc. É verdade que o subjuntivo indica contrafactualidade e eventualidade, mas, seguramente, também indica factualidade. Passemos às considerações acerca de cada um dos três grupos.

O imperfeito do subjuntivo com valor de factualidade foi encontrado apenas em orações concessivas e em orações substantivas. O fato de não o encontrarmos em nenhuma oração condicional parece refletir a própria definição de oração condicional e a de valor factual. Parece-nos que não faria sentido encontrá-lo em uma condicional, pois esta é utilizada para levantar uma hipótese — contrafactual ou

eventual — sobre algum fato, e, como o valor factual atribui "realidade" à proposição, há uma incompatibilidade em estes dois conceitos compartilharem uma mesma estrutura sintática.

Dos 32 casos de factuais, 17 ocorreram em orações substantivas, 08 em orações concessivas e 07 em orações finais e temporais, todas com a estrutura de passado simples E,R__F. É interessante lembrar que também esperávamos a ocorrência de passado posterior R__E__F, R__F,E, mas não encontramos nenhum caso. Talvez a explicação esteja no fato de o pretérito perfeito ou o imperfeito do indicativo estar presente em todas as orações principais deste grupo, o que "transmite" ao evento expresso no imperfeito do subjuntivo o valor de passado, devido à Sequência de Tempo (SoT). De qualquer forma, a função primeira das factuais, no que concerne ao conteúdo temporal, é descrever eventos que aconteceram no passado, que são anteriores ao momento da fala e simultâneos ao momento da referência.

Segue o dado (01), representativo da estrutura temporal de maior ocorrência, a de passado simples E,R__F:

- (01) "Quando faltava apenas um ano para me formar, percebi que estava perdida e comecei a questionar se chegaria a algum lugar com um diploma de ecóloga embaixo do braço. Decidi que não tinha futuro, embora gostasse da área."⁹ (Revista Elle, Abr/99. *Mudei de vida pela carreira dos meus sonhos.*).

Em (01), o PIS factual está inserido em uma narrativa, está concordando com eventos no passado, especificamente com o pretérito perfeito do indicativo, "decidi", cuja estrutura é E,R__F. Desse modo, sob a perspectiva do "agora" enunciativo, as R e os E de "gostasse" e "decidi" estão reciprocamente ligados, ambos expressando situações factuais no passado.

Em síntese, o PIS com valor de factualidade existe na língua portuguesa e ocorre, conforme os dados, preferencialmente, com a estrutura de passado simples E,R__F, ou seja, o pretérito imperfeito do subjuntivo factual tende a expressar, fundamentalmente, ideia de passado.

O PIS com valor de contrafactualidade foi encontrado em orações condicionais, em substantivas, em concessivas, em temporais

⁹ Os dados desta seção são oriundos do corpus da dissertação.

e, sobretudo, em comparativas. Apesar de nos termos proposto a restringir o *corpus* somente aos três primeiros tipos de construção sintática, vimo-nos compelidos a, neste grupo, analisar também as orações comparativas, visto que constituem o contexto sintático majoritário no qual ocorreram os dados contrafactuais.

Dos 45 casos de imperfeito do subjuntivo contrafactual, 19 ocorreram em orações comparativas, 17 em condicionais, 07 em substantivas, 01 em concessiva e 01 em temporal (que não analisamos). A maioria (32) destes casos ocorreu com a estrutura temporal de passado posterior R__F,E, em que o evento, embora visto de uma perspectiva do passado, é tomado como simultâneo ao momento da fala.

A comparação desse resultado com as previsões feitas anteriormente com base nos pressupostos de Givón (1993), de Neves & Souza (1999), de Neves (2000) e de Tapazdi & Salvi (1998) autoriza uma observação. Esses linguistas, como vimos, afirmam que a condição essencial da contrafactualidade é o traço [+ passado] ou [+ passado, + perfectividade]. A estrutura R__F,E é de passado, com efeito; mas, como na teoria reichenbachiana há cinco estruturas diferentes que descrevem o passado, temos instrumentos suficientes para reconhecer exatamente qual é o tipo predominante das contrafactuais. Verificar qual é o tipo predominante, mesmo sendo em um determinado *corpus*, significa reconhecer, de um lado, uma das maneiras através das quais o PIS vem sendo utilizado pelos falantes brasileiros, e, de outro, sugere que é preciso compreender melhor as suas relações temporais e modais.

O critério definidor do PIS contrafactual parece ser a estrutura de passado posterior R__F,E, e não o traço [+ passado] ou [+ passado, + perfectividade], porque o grupo das contrafactuais fica caracterizado e, ao mesmo tempo, distinguido do grupo das factuais e das eventuais. Outro argumento que corrobora a contraíndicação da perfectividade como traço determinante é o fato de o mais-que-perfeito do subjuntivo, que apresenta perfectividade positiva, poder expressar tanto eventos *realis* quanto *irrealis*, como vimos anteriormente quando da sua análise. Portanto, nossos dados revelam e confirmam, nesse *corpus*, que o traço aspectual [+ perfectivo] não é critério definidor de contrafactualidade.

O exemplo abaixo representa a estrutura mais frequente nesse grupo, a de passado posterior R__F,E:

(02) "Um torcedor gremista baleado depois do jogo ainda tentou colocar a culpa pela explosão da bomba na Brigada Militar, dizendo que 'os brigadianos são ignorantes'. Como se os policiais não pudessem abordar os vândalos para não correr o risco de detonar as bombas que carregam." (Zero Hora, 21.5.02. Promessas não bastam, Rosane de Oliveira).

Em (02), "pudessem" tem sua R em um momento no passado, no momento do conflito, porém seu E está em associação à F porque o predicado de "poder algo" permanece estável ou passível de acontecer no "agora" enunciativo.

O imperfeito do subjuntivo com valor eventual foi encontrado em 51 dos 128 dados selecionados: 19 em orações condicionais, 14 em orações substantivas, 09 em adjetivas restritivas, 03 em concessivas e 15 em temporais e finais (que não serão analisadas neste trabalho). No total, analisamos 45 ocorrências de eventuais.

Na dissertação, havíamos previsto que o pretérito imperfeito do subjuntivo eventual não teria restrições quanto às estruturas temporais reichenbachianas, tendo em vista a viabilidade de se fazer hipótese sobre eventos passados, presentes e futuros. Realmente, não encontramos uma estrutura predominante neste grupo; entretanto, podemos dizer que predominaram estruturas cujos eventos estão em relação de posterioridade à fala, i.e., predominaram eventos que indicam futuridade. São elas as estruturas de futuro simples F__R,E, que ocorreram em 19 casos, de futuro posterior F__R__E, que ocorreram em 03 casos, e de passado posterior R__F__E, que ocorreram em 02 casos; juntos, estes somam 24 dos 45 dados analisados. Os outros 16 dados ocorreram com o evento antecedendo a fala, indicando passado, e 05, com o evento em associação à fala, indicando presente. Em outras palavras, nossos dados revelaram que a tendência principal do imperfeito do subjuntivo eventual é expressar eventos que acontecerão (ou não) no futuro.

Se compararmos estes resultados com os obtidos nas factuais e nas contrafactuais, podemos perceber que o PIS factual é fundamentalmente utilizado para expressar presente, o contrafactual, passado, e o eventual, futuro. Desse modo, sob nosso ponto de vista, a

relação aparentemente estável entre cada uma destas três modalidades e as estruturas temporais reichenbachianas parece ser relevante para a descrição do funcionamento do pretérito imperfeito do subjuntivo na língua portuguesa.

Passemos à análise de um dado representativo da estrutura de maior ocorrência do imperfeito do subjuntivo eventual, a de futuro simples F__R, E:

(03) "Seria lindo se todos os candidatos a presidente da República assinassem uma declaração conjunta informando que não aceitariam um só centil da banca." (Folha de São Paulo, 16.01.02. A receita precisa ouvir os vândalos, Elio Gaspari).

Na condicional acima, o autor levanta uma hipótese sobre uma possível atitude que os candidatos à presidência da República poderiam tomar, qual seja, a de não aceitar quantia alguma em dinheiro, por mais insignificante que fosse, proveniente dos banqueiros. Na linha do tempo, o evento "seria lindo" aconteceria depois do evento "assinassem", dado que aquele é consequência deste, que somente "seria lindo" depois que "assinassem", antes não. A R, que também está no futuro, é a assinatura da declaração, o que a faz contemporânea ao E de "assinar" e anterior ao E de "ser lindo".

Pontualmente, esta pesquisa nos permitiu chegar às seguintes conclusões:

- a) há relação direta entre o conteúdo temporal e o conteúdo modal do imperfeito do subjuntivo;
- b) o PIS factual somente ocorreu em estruturas em que o E antecede a F, isto é, o PIS factual expressa fundamentalmente ideia de passado;
- c) o PIS contrafactual ocorreu, em 32 dos 44 casos, com a estrutura de passado posterior R__F,E, isto é, o imperfeito do subjuntivo contrafactual expressa fundamentalmente ideia de presente: o E é simultâneo à F;
- d) o PIS eventual ocorreu, em 24 dos 45 casos, com estruturas em que o E é posterior à F, i.e., o PIS eventual

tende a expressar ideia de futuro;

- e) segundo os instrumentos reichenbachianos, a estrutura mínima do imperfeito do subjuntivo é ter a R associada ou anterior ao E (R,E ou R__E).

O desdobramento da pesquisa

Munidos dessa descrição sobre o PIS, e, sobretudo, objetivando sair do emaranhado das abordagens mais tradicionais, elaboramos algumas atividades e tarefas para serem trabalhadas em sala de aula.

Explicar a complexidade da estrutura reichenbachiana para os alunos, de forma alguma, consiste em nosso objetivo; porém, o professor, sim, poderia e deveria dominá-la a fim de não misturar todas as noções em uma mesma etapa do aprendizado. Pensando assim, aplicamos e testamos¹⁰ o quadro explicativo a seguir a fim de sensibilizar o aluno para o caráter multifacetado da temporalidade do PIS.

Quadro 2 - A Temporalidade do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo pode se referir a eventos no passado, presente ou futuro.

- Passado: "Embora eu fosse fluente em francês e não me sentisse intimidado, os melhores momentos de nosso convívio ocorriam nos bistrôs."
- Presente: "Se o ex-ministro José Serra estivesse bem nas pesquisas, o efeito Ricardo Sérgio seria menos danoso para sua candidatura."
- Futuro: "Talvez os índios achassem até graça se extraterrestres viesses à Terra como amigos, dessem-nos brinquedos de teletransporte (como demos espelhos) e acabassem nos tomando o poder e nos expulsando."

O valor temporal, do primeiro exemplo acima, é de passado, pois o contexto narrativo está no passado; o valor temporal, do segundo exemplo acima, é de presente, porque o contexto enunciativo é uma crônica argumentativa do tempo, à época, presente; finalmente, do terceiro, o valor é de futuro, porque dependente de uma projeção fictícia. Em outra atividade de reconhecimento do valor temporal do PIS, os alunos recebem dados de língua falada (HILGERT, 1997), como se pode verificar a seguir.

¹⁰ Nosso muito obrigado ao Programa de Português para Estrangeiros da UFRGS.

Quadro 3 – A temporalidade do PIS em exemplos ¹¹

<p>O tempo verbal sublinhado indica ideia de presente, passado ou futuro?</p> <p>a) "A: Quanto às profissões, o senhor acha que no Brasil há um <u>desequilíbrio</u> numérico em relação a outras? B: Bem, eu não diria que possuí... que <u>fosse</u> assim um <u>desequilíbrio</u> numérico... ah, eu pensaria o seguinte..."</p> <p>b) "...era uma coisa existencial que ele necessitava de trabalhar pra manter a sua existência, pra manter sua vida... não só sobreviver, vamos dizer assim, ah, no sentido de trabalho escravo, que se ele não <u>trabalhasse</u>, ele era morto."</p> <p>c) "...em face, assim, da existência de uma hierarquia profissional, de uma subordinação, agora... eu não vejo nada desconsiderante. Normalmente, o pessoal tem essa mania de achar isto, que, por exemplo, ser servente ou ser faxineiro ou ser, ah, varredor de rua seja... não... eu acho que ele é a peça fundamental, inclusive, porque se não <u>tivesse</u> o servente que <u>varresse</u> a rua, não <u>tivesse</u> o servente que <u>varresse</u> a repartição, quem é que iria varrer a repartição? Seria o chefe da seção?"</p> <p>d) "A: Se você <u>tivesse</u> de fazer uma operação plástica, que tipo de nariz preferiria? B: Se eu <u>tivesse</u> de fazer uma operação plástica? ...éh, não sei responder isso... é que eu nunca pensei nisso..."</p> <p>e) A: E a senhora nada? B: Nado. Eu também aprendi, mas no Barroso, ainda no tempo que tinha uns trapiches ali. Há muitos anos, era guria e era no fundão mesmo. Até o professor queria que eu <u>competisse</u> porque eu era, pela idade, eu era pequena, mas, quer dizer, que eu era muito desenvolvida... então, ele queria que eu <u>competisse</u> porque tinha um braço, assim, comprido..."</p> <p>f) A: Seria importante que tu <u>descrevesse</u> para nós uma noite de teatro... uma noite no Teatro São Pedro, uma noite de concerto... B: Bom, então tem que ser das noites de concerto do tempo antigo porque agora não tem a mesma graça que antes."</p> <p style="text-align: right;">(HILGERT, 1999)</p>
--

As respostas esperadas são a) presente, pois a proposição alcança o sentido "não me parece um desequilíbrio numérico"; b) passado, pois a condicional é uma hipótese sobre um evento já passado; c) presente, pois a proposição refere-se à (não) existência do servente no aqui e agora do enunciado; d) futuro, pois a condicional indica algo que pode vir a acontecer, surpreendendo o entrevistado, que estrategicamente repete a pergunta; e) futuro, pois, embora a falante esteja narrando um episódio passado, os PIS destacados expressam a expectativa do professor, naquele momento, em relação a uma atividade que sua aluna faria ou não; f) futuro, pois, apesar de se tratar de um futuro imediato, em que a Referência é concomitante à Fala, o Evento está marcado no futuro, algo como, "logo após minha pergunta, você poderia responder...".

Em outra oportunidade do processo, podem ser apresentadas

¹¹ Os trechos desse exercício são extraídos de HILGERT (1997, p.49, 59, 60, 80, 105 e 111).

as noções modais do PIS. Cabe frisar que não estamos expondo a elaboração de um material didático aula a aula, apenas estamos sinalizando sobre como nossa pesquisa poderia chegar aos bancos escolares. Um dos nossos objetivos é fomentar o profícuo diálogo acadêmico.

Quadro 4 – A Modalidade do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo pode ser do tipo:

- ☐ *Eventual*: quando marca um evento hipotético, que pode ou não acontecer. Ex.: a) “Seria lindo se todos os candidatos a presidente da República assinassem uma declaração conjunta informando que não aceitariam um só centavo da banca.”; b) “Eles combinaram um código: quando o diretor da prova lhe desse um tapinha nas costas, Pelé agitaria a bandeira.”
- ☐ *Contrafactual*: quando marca um evento que é a negação de uma afirmação. Ex.: c) “Nos sabores laranja e framboesa, a embalagem do iogurte traz a imagem de uma modelo alisando o rosto, como se estivesse defronte de um espelho.” (a modelo não está defronte de um espelho); d) “A pressa, decididamente, é uma heresia por essas bandas. Se você exigi-la de alguém ocupado, a pessoa vai levantar o dedo indicador na frente do rosto, como se dissesse: ‘Just a moment, please’. Não se irrite. Relaxe, olhe para o lado...” (a pessoa não disse ‘Just a moment, please’)
- ☐ *Factual*: quando marca um evento que, de fato, aconteceu. Ex.: e) “Embora, na época, tivesse apenas 13 anos, trabalhava como babá.”; f) “Quando faltava apenas um ano para me formar, percebi que estava perdida e comecei a questionar se chegaria a algum lugar com um diploma de ecóloga embaixo do braço. Decidi que não tinha futuro, embora gostasse da área.”

Após a exposição de tarefas que exploram, separadamente, as noções modais do PIS, o que pode ocorrer durante semanas, o aluno é convidado a tomar ciência das noções eventual, contrafactual e factual. O exemplo (a) acima indica uma hipótese sobre um evento projetado no futuro em relação ao aqui e agora do enunciado. O exemplo (b) também indica uma eventualidade, algo que poderia acontecer. Os exemplos (c) e (d) apresentam, cada qual, uma negação na pressuposição: “a modelo não está defronte de um espelho” e “a pessoa não disse ‘Just a moment, please’”. Os exemplos (e) e (f) expressam um evento “real”, respectivamente: “tinha 13 anos” e “não gostava da área”.

As noções modais do PIS podem ser discutidas explicitamente em sala de aula, como mostra o Quadro 5 a seguir.

Quadro 5 – A modalidade do PIS em exemplos¹²

<p>Identifique o tempo verbal sublinhado como factual, contrafactual ou eventual.</p> <p>a) “E como havia até quem <u>fizesse</u> reserva para garantir um quarto, as pessoas que passavam em frente à residência pensavam que era um hotel.”</p> <p>b) “Embora <u>estivesse</u> interessado em averiguar as margens de aplicação de seus achados e ‘insights’ teóricos, curti a erudição que percebia embutida num projeto ou texto.”</p> <p>c) “Ciro Gomes pediu a seu guru intelectual, Roberto Mangabeira Unger, que não <u>rebatesse</u> as críticas do presidente do PPS.”</p> <p>d) “Nesse período, os pesquisadores estavam envolvidos em diversas frentes de investigação sobre o sistema educacional francês, embora alguns dos assistentes <u>estivessem</u> ousando pôr as mangas de fora.”</p> <p>e) “Eles não interagem na narrativa em momento nenhum. É como se <u>fosse</u> um coro grego de teatro.”</p> <p>f) “O curso de técnico químico permitiu que eu <u>desse</u> continuidade à minha escalada na empresa.”</p> <p>g) “Me prometeram roupa, casa e emprego para dizer que falei com o cara e até hoje não me deram nada. É fácil colocar palavras na boca de uma criança de 12 anos. Se eu <u>pudesse</u> voltar atrás... Isso só atrasou a minha vida.”</p> <p>h) “Integrantes de governos anteriores ouvidos por Época dizem que, se a prefeitura realmente <u>quisesse</u> acabar com o programa, teria outros meios.”</p> <p>i) “Fã do formato acústico, ela insistia para que Roberto Carlos <u>experimentasse</u> os arranjos despojados que ela admirava.”</p> <p>j) “Como se não <u>bastasse</u>, no dia em que estava marcada a minha volta, um representante da Correta Turismo veio me pedir para adiar o embarque para o dia seguinte.”</p> <p>k) “Gostaria que <u>fosse</u> abordado o investimento necessário para gerar um emprego.”</p>
--

As respostas esperadas são as que seguem. No exemplo (a), a proposição é factual, pois, apesar de marcar o desconhecimento sobre quem seriam as pessoas, é fato que elas existiam e “faziam as reservas”. O exemplo (b), bem marcado pela conjunção “embora”, é factual, pois a pessoa “estava interessada em”. O exemplo (c) é eventual, pois se trata de um pedido cujo atendimento não está confirmado, é uma hipótese

12 Respectivamente, seguem as referências dos dados do quadro 5: a) Zero Hora, Casa & Cia, 15 a 21 jan/02, nº175, Histórias na areia, de André Benedetti; b) Folha de São Paulo, 27.01.02, Uma revolução simbólica, Sérgio Miceli; c) Veja, 24.4.02, Deixa comigo, seção Radar, Felipe Patury; d) Folha de São Paulo, 27.01.02, Uma revolução simbólica, Sérgio Miceli; e) Folha de São Paulo, 26.4.02, Filme costura pequena e grande história, Francesca Angiolillo; f) Zero Hora, 01.7.02, Ganhei parceiros e conhecimento técnico, Eduardo Kunst; g) Zero Hora, 04.6.02, Cabeça, o guardador de carros; h) Época, 10.12.01, A operação casada de Marta, por Neuza Sanches e Thomas Traumann; i) Zero Hora, 03.5.02, O rei quer renascer, Renato Mendonça; j) Viagem & Turismo, dez/00, nº12, Pagou pelo avião, mas chegou de caminhão; k) Zero Hora, 09.8.02, seção Cartas).

sobre algo que pode vir a acontecer, considerando o aqui e agora do enunciado. O exemplo (d) é factual, "alguns dos assistentes estavam ousando", também uma exigência da conjunção "embora". O exemplo (e) é contrafactual, pois, apesar de serem comparados a ele, os atores, de fato, não constituíam um coro grego. São também contrafactuais os exemplos (g), "ele não pode voltar atrás", (h), "a prefeitura não quer" e (j), "bastava", "era suficiente". O exemplo (f), com PIS regido por verbo de manipulação ("permitiu") e conjunção "que", é factual, "ele deu continuidade a", sendo recorrente nos dados da dissertação, como mencionado anteriormente. Finalmente, são eventuais os exemplos (i), "terá experimentado ou não?" e (k), "será abordado ou não?".

Em síntese, assumimos que o PIS pode ser compreendido pelas relações entre seu conteúdo modal (factual, contrafactual ou eventual) e temporal (presente, passado ou futuro).

Um singelo exemplo de tarefa aplicada em sala de aula de português como língua estrangeira

A proposta a seguir é pensada para alunos intermediários ou avançados que já tenham sido iniciados em textos argumentativos de diferentes gêneros discursivos (MARCUSCHI, 2002).

Converse com seu colega:

- a) Como funcionam os serviços de aviação, aluguel de carros e imóveis, Correio, telefonia, internet, TV a cabo em seu país? Os clientes, em geral, declaram-se satisfeitos?
- b) Em seu país, quais serviços recebem o maior número de reclamações e quais de elogios?
- c) O que fazem os cidadãos para terem seus direitos salvaguardados? Recorrem a instituições, fundações, como o Programa de Orientação e Proteção ao Consumidor (PROCON), ou à mídia, ou a outros?
- d) No Brasil, quais serviços atendem às suas necessidades e quais não?
- e) Você tem alguma história sobre tais fatos?

Oralmente, o professor lança a pergunta para estabelecer a relação conteúdo linguístico e conteúdo discursivo: "Como expressar

indignação? Como evidenciar para o outro os argumentos mais e menos relevantes à ideia central? Com que recursos linguísticos? Observe uma possibilidade de organização da sequência argumentativa utilizando as expressões *Como se não bastasse/ Como se não fosse suficiente.*"

Observe os dois quadros a seguir:

"Não bastassem os acidentes com fogos de artifício, as tragédias à beira-mar e a infelizmente rotineira violência no trânsito, as comemorações da madrugada de ontem registraram uma vítima de outro tipo de irresponsabilidade: o hábito de dar tiros para o ar na virada do ano."

Fatos conhecidos, compartilhados com o leitor	Fato que recebe relevância
<ul style="list-style-type: none"> - acidentes com fogos de artifício; - afogamentos; - violência no trânsito. 	<ul style="list-style-type: none"> - vítima de bala perdida

"Uma das séries mais legais que já vi, e que está reprisando no GNT, é a história do Jazz. Dirigida e produzida pelo Ken Burns, recompõe através de fotos e filmagens antigas toda a trajetória desse gênero nascido no início do século 20. Não bastasse isso, a pesquisa resgatou para o entendimento contemporâneo a importância de Louis Armstrong."

Fatos conhecidos/ compartilhados com o leitor	Fato que recebe relevância
<ul style="list-style-type: none"> - uma série legal; - a reprise no canal GNT; - recomposição de material fotográfico e cinematográfico; - recomposição de toda a história do Jazz. 	<ul style="list-style-type: none"> - a releitura contemporânea sobre Louis Armstrong.

Estudo do texto

- a) Leia o texto "Compra de espelhos provoca mal-entendido" (Zero Hora, 18.12.99, seção Rio Grande Reclama).

O RIO GRANDE RECLAMA

Compra de espelhos provoca mal-entendido

Fui até a Ferragem Nunes para comprar espelhos de luz. Ao indagar sobre o produto que desejava adquirir, o vendedor me informou que a loja poderia encomendá-lo à fábrica e levaria cerca de 15 dias para chegar. Encomendei quatro espelhos e deixei meu telefone para me avisarem assim que a mercadoria estivesse disponível. Vinte e dois dias depois, como não houve contato, voltei lá. Informaram-me que haviam feito a encomenda e os produtos estavam para chegar. Cinco dias mais tarde retornei e disseram a mesma coisa. Um mês depois, fiquei sabendo que não haviam feito nenhuma encomenda à fábrica. (Via e-mail.)

João André Lucena Borges
Porto Alegre



O gerente de vendas da Ferragem Nunes Ltda., Mario Fernando Teixeira, declara: "Ficamos surpresos com a reclamação do leitor, pois, apesar de não trabalharmos com os espelhos solicitados e em virtude de ele ter adquirido outros produtos da linha, prontificamo-nos a conseguí-los com a fábrica, não dando prazo de entrega. Quando o cliente voltou à loja, deveria ter se dirigido à gerência e não a um balconista, porque este não sabia que já havíamos encomendado a mercadoria e respondeu que não tínhamos, por não trabalharmos com esse modelo. Tanto houve a encomenda que esta chegou, mas veio com a referência errada e providenciamos a troca. O produto está à disposição e o cliente foi comunicado".

Zeno Hora, 18.12.99

b) Compare como a mesma informação é dada em cada um dos textos.

Informação	Cliente	Empresa
O pedido de encomenda	*Indagou e teve resposta afirmativa	Fizeram uma gentileza ao cliente
O prazo de entrega previsto	15 dias	Indeterminado
Os produtos comprados	Nenhum produto	Outros produtos da linha
Os produtos encomendados	Quatro espelhos	Espelhos (sem referência ao número)
Aviso de entrega	Telefonariam ao cliente	Nenhuma referência
Primeiro retorno à loja	Vinte e dois dias após a encomenda	Nenhuma referência a tempo transcorrido
Outros retornos à loja	Dois	Nenhuma referência
Referência equivocada	Nenhuma referência	Providenciaram a troca
Desfecho	Irresponsabilidade da loja	Estarrecimento frente ao depoimento do cliente

c) Utilizando a expressão "Como se não bastasse", escreva um texto ao jornal, identificando-se com uma das partes e contando uma história semelhante vivida por você.

Esse é apenas um exemplo de tarefa que pode ser desenvolvida em sala de aula de português para estrangeiros cuja abordagem e metodologia estejam também comprometidas tanto com o ensino dos

aspectos textuais e discursivos quanto dos linguísticos e textuais.

Considerações Finais

Este artigo sintetiza o funcionamento temporal e modal do pretérito imperfeito do subjuntivo a partir de um *corpus* de língua escrita, como vimos, em instância pública de uso da linguagem, que flagrou o quão complexa — e passível de compreensão — é a constituição desse tempo verbal.

O detalhamento da estrutura temporal de Reichenbach (1947), apoiado em autores contemporâneos, permitiu-nos identificar, em profundidade, as relações entre os momentos F, E e R características do pretérito imperfeito do subjuntivo. Tal conhecimento implica reconhecer que o PIS pode expressar eventos no passado, presente ou futuro.

Encontrar Corral (1996), descobrir as modalidades factual, contrafactual e eventual em Neves & Souza (1999) e Neves (2000) foi, sem dúvida, um achado que acomodou aproximações anteriores. Os resultados de nossa pesquisa permitem-nos também reconhecer que, indubitavelmente, o pretérito imperfeito do subjuntivo não expressa somente irrealidade, hipótese, mas também factualidade, certeza. Em outras palavras, ao nos apropriarmos de preceitos filosóficos, deslocamos a discussão sobre o subjuntivo de áreas como a sociolinguística ou as teorias do discurso (que tanto e tão bem nos embasam) e, por conseguinte, abrimos novas indagações, que estão, neste momento, sendo estudadas em nível de doutoramento, como, por exemplo, por que razão e como algumas contrafactuais comparativas têm a proposição negada cancelada e outras não.

Enfim, nosso trabalho se constrói em dois esforços: a busca pelo conhecimento do funcionamento da língua e sua aplicabilidade nos bancos escolares.

Agradecimentos

A Sérgio Menezes, pela orientação, pelo diálogo sempre sério e instigante. Aos colegas que leram e contribuíram com meus trabalhos. Muito obrigada.

Referências

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
- BRITTO, L.P.L. **Contra o consenso**: cultura escrita, educação e participação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- CASTRO, F. **Uso de la gramática española**: intermedio. Madrid: Edelsa, 1998.
- CEGALA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- COÁN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado**: pretérito (mais-que-) perfeito. 1997. 183 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- CORÔA, M.L.M.S. **O tempo nos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. 1983. 131 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada) - Departamento de Linguística do Instituto de Expressão e Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 1983.
- _____. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola, 2005.
- CORRAL, J.A.M. Valor modal del llamado "subjuntivo concesivo polémico". **Linguística Española Actual**, Madrid, v.2, p. 161-174, 1996.
- COSTA, S.B.B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1997.
- CUNHA, C. CINTRA, L. **A nova gramática do português contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.
- DECLERCK, R. From Reichenbach (1947) to Comrie (1985) and beyond. **Lingua**, v. 70, n. 4, 1986.
- GARCÍA-FERNANDEZ, L. Sobre la naturaleza de la oposición entre pretérito imperfecto y pretérito perfecto simple. **Lingüística Española Actual**, vol. XXI, n. 2, p. 169-188, 1999.
- GIVÓN, T. **English grammar**: a function-based introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 1993. vol. II.
- GONZÁLEZ, J.M.C. **Manual de iniciación a la lengua portuguesa**. Barcelona: Ariel, 1994.
- HILGERT, J.G. (Org.) **A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1997.
- HORNSTIEN, N. Towards a theory of tense. **Linguistic Inquiry**, v. 8, n. 3, p.521-557, 1977.

_____. The study of meaning in natural language: three approaches to tense. In: HORNSTEIN & LIGHTFOOT. **Explanation in linguistics**. London & New York: Longman, 1981, cap. 4, p. 116-151.

_____. **As time goes by**: tense and universal grammar. MIT Press, 1993.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. (orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36

MEYER, R.M.deB. & MEDEIROS, V.G. de. Português para estrangeiros: questões semântico-discursivas e sintáticas no ensino do subjuntivo. In: **Anais do IX Encontro da ANPOLL**. João Pessoa, v.2, tomo I, p.743-752, 1995.

NEVES, M^a.H. de. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, M^a.H.de. & SOUZA, E.M^a.de. As construções condicionais. In: NEVES, M^a.H.de (org.) **Gramática do português falado**: vol. III. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

PALMER, F. R. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PRESTES, G. J. Aquisição do imperfeito do subjuntivo por falantes nativos de espanhol. In: HAMMES, W. & VETROMILLE-CASTRO, R. (orgs.) **Transformando a sala de aula, transformando o mundo**: ensino e pesquisa em língua estrangeira. Pelotas: EDUCAT, 2001, p. 167-181.

_____. **Conteúdo temporal do imperfeito do subjuntivo em português**. 2003. 103 f. Dissertação. (Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica/RS, Porto Alegre, 2003.

_____. Conteúdo temporal do imperfeito do subjuntivo. Polígrafo – **Revista do Curso de Letras da Faculdade Cenecista de Osório**, Osório/RS, v.1, n.3, p. 40-57, 2007.

RAMALHETE, R. Uma classificação comunicativa do subjuntivo e sua implicação para o ensino de português para estrangeiros. In: ALMEIDA F^o, J.C. & LOMBELLO, L. **O ensino de português para estrangeiros**. Campinas: Pontes, 1989, p. 135-139.

_____. A hipótese em português. In: ALMEIDA F^o, J.C. (org.) **Identidade e caminhos no português para estrangeiros**. Campinas: Pontes, 1992, p. 99-104.

REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. New York: Macmillan, 1947.

SILVA, A. **A expressão da futuridade no português falado**. Araraquara:

UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

TAPAZDI, J. & SALVI, G. A oração condicional no português falado em Portugal e no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v.14, n. especial, p.255-267, 1998.

TRAVAGLIA, L.C. **O aspecto verbal no português**. Uberlândia: Gráfica da Universidade Federal de Uberlândia, 1981.

WHERRITT, I. Patterns of subjunctive in Brazilian Portuguese. **Revista Brasileira de Linguística**, v. 5, n. 2, p. 39-61, 1978.

ZILLES, A.M.S. & PEREIRA, S.P.K. O desenvolvimento do background em narrativas de crianças de 4 a 9 anos. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, vol. 33, n. 2, p.203-211, jun. 1998.

Recebido em 13 de dezembro de 2011.

Aceito em 05 de abril de 2012.